Bolsas
Na terça-feira
4,29% São Paulo
0,29 % Nova York

Pontuação B3
Ibovespa nos últimos dias
100.977 — 106.213
5/4 6/4 10/4 11/4

Na terça-feira
R$ 5,007
(- 1,16%)

Dólar

	Últimos
4/abril	5,082
5/abril	5,049
6/abril	5,058
10/abril	5,066

Salário mínimo
R$ 1.302

Euro
Comercial, venda na terça-feira
R$ 5,465

CDI
Ao ano
13,65%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
13,65%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Outubro/2022	0,59
Novembro/2022	0,41
Dezembro/2022	0,62
Janeiro/2023	0,53
Fevereiro/2023	0,84

CONJUNTURA

Inflação desacelera e sobe 0,71% em março

IPCA é puxado principalmente pela alta da gasolina. País passa a ter uma taxa acumulada de 4,65% em 12 meses

» FERNANDA STRICKLAND
» RAFAELA GONÇALVES

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação do país, subiu 0,71% em março. O resultado ficou abaixo do registrado em fevereiro, quando o indicador teve crescimento de 0,84%. Segundo os dados, divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apesar da desaceleração, a taxa soma seis meses seguidos de alta.

O número veio em linha com as expectativas do mercado financeiro, que esperava uma alta de 0,75%. Com isso, a inflação acumula elevação de 2,09% neste primeiro trimestre de 2023, e de 4,65% nos últimos 12 meses, abaixo dos 5,60% observados nos 12 meses imediatamente anteriores.

Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, oito tiveram alta em março. Os maiores impacto e variação vieram do grupo de transportes — que avançou 2,11%, consequência principalmente do aumento de 8,33% da gasolina. Este foi o item de maior impacto individual no índice do mês. O etanol, por sua vez, subiu 3,20%.

O analista da pesquisa, André Almeida, atribuiu o saldo ao retorno da cobrança de impostos federais. "Os resultados da gasolina e do etanol foram influenciados principalmente pelo retorno da cobrança de impostos federais no início do mês, estabelecido pela Medida Provisória 1157/2023. Havia, portanto, a previsão do retorno da cobrança de PIS/Cofins sobre esses combustíveis a partir de 1º de março", explicou.

Em seguida apareceu o grupo de saúde e cuidados pessoais (0,82%) e habitação (0,57%) — que desaceleraram em relação ao mês anterior. O resultado foi puxado pela alta de 1,20% dos planos de saúde, enquanto habitação se deu principalmente pela energia elétrica residencial, que apresentou crescimento de 2,23%.

Alimentação e bebidas, grupo de maior peso no IPCA, desacelerou em relação a fevereiro, ficando em 0,05%, influenciado pela variação negativa da alimentação em domicílio. Houve queda nos preços da batata inglesa e do óleo de soja. Foram registrados também recuos nos preços da cebola, tomate e das carnes. Pelo lado das altas, os destaques foram para cenoura e ovo de galinha.

O único grupo que registrou deflação em março foi o de artigos de residência (-0,27%), após uma alta de 0,11% em fevereiro. O resultado foi puxado pelas quedas de quase 2% nos itens de TV, som e informática, principalmente dos itens de televisor e computador.

Juros

Na avaliação da economista-chefe da Veedha Investimentos, Camila Abdelmalack, a desaceleração do IPCA é um sinal importante sobre os resultados do aperto monetário, que visa justamente frear a atividade econômica. "Precisamos ver se nos próximos meses essa será uma tendência. Sabemos que a inflação dos serviços está ligada à atividade econômica, o setor é um dos que mais cresceu nos últimos dois anos e o fato é que este pode ser um sinal importante do desaquecimento promovido pela taxa básica de juros", alertou.

O coordenador dos Índices de Preços do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), André Braz, destaca que os juros altos já mostram reflexos sobre os preços dos bens duráveis, enquanto os serviços seguem como um desafio para o Banco Central.

"Para o mês abril, esperamos uma inflação em torno de 0,4%", projetou o economista, que afirmou ainda que mesmo com a alta, o processo de desinflação está em curso. Isso porque o índice de difusão, que mede a proporção dos produtos e serviços com o aumento de preços, ficou em 60%.", ressaltou.

Mercado

Apesar dos reajustes da gasolina e da energia elétrica, o IPCA desacelerou em março, o que ajudou, entre outros fatores, a derrubar ontem as taxas de juro futuras e a impulsionar os negócios na Bolsa de Valores. Chamou a atenção do mercado o fato de o resultado ter ficado dentro do teto de tolerância da meta de inflação para este ano, que é de 4,75%. A última vez que isso aconteceu foi em fevereiro de 2021: variação de 5,20% em 12 meses até aquele mês, ante teto de 5,25% no ano.

Na Bolsa, a alta dos negócios veio ainda pela manhã de ontem, com o anúncio do IPCA. A primeira avaliação é de que os sinais de menor pressão sobre os preços poderia levar o BC a rever o aperto dos juros. No fim do dia, o Ibovespa fechou aos 106,2 mil, com alta de 4,29% - a maior desde 3 de outubro. Dos 88 papéis que compõem o índice, 85 tiveram valorização. (**Com Agência Estado**)

CB.PODER

Ed Alves/CB/DA.Press



Dyogo Oliveira, presidente da CNSeg e ex-ministro do Planejamento, foi o entrevistado do *CB.Poder*

Presidente do CNSeg se diz confiante com a economia

» RAPHAEL PATI*

Otimista com a economia brasileira, o presidente da Confederação Nacional das Seguradoras (CNSeg), Dyogo Oliveira, disse que não enxerga a questão fiscal como um problema do Brasil. Ele foi o convidado de ontem do *CB.Poder* — uma parceira do **Correio** com a TV Brasília — e também falou sobre a importância do mercado de seguros no país.

"É um passo importante para o governo apresentar uma proposta de arcabouço. Isso trouxe muita tranquilidade para o mercado, porque, no mínimo, se começa a ter um desenho. Eu, particularmente, tenho uma avaliação um pouco dissonante a respeito da questão fiscal no Brasil", afirmou.

Como você vê os dois primeiros meses do ano no mercado de seguros?

O mercado tem crescido bem. No ano passado, nós tivemos 16% de crescimento no mercado de seguros e, no acumulado de janeiro e fevereiro, já tivemos um crescimento de 10% em relação a janeiro e fevereiro do ano passado. Isso é interessante, é um momento muito importante, embora a gente ainda tenha uma cobertura muito pequena na área de seguros no Brasil. Se você pensar, por exemplo, o automóvel, que é um produto que normalmente as pessoas procuram mais, apenas 30% da frota é coberta com seguro.

Por que você acredita que os planos de saúde estão enrijecidos?

O setor foi evoluindo e a própria regulação foi evoluindo em um sentido, que é compreensível, de alargar a cobertura. Todos os tratamentos, todos os medicamentos, todas as próteses, todo tipo de equipamento médico, tudo foi sendo colocado dentro da cobertura. E, com isso, se chegou a um ponto que você só tem um produto no mercado, que é o produto que cobre tudo.

Sobre o novo governo, você está otimista com a economia?

Sim.É um pouco da minha natureza ser otimista, mas eu acho que o governo começou, já na transição, resolvendo o problema do orçamento, que vai dar uma injeção de recursos no consumo, principalmente, ao longo do ano. E isso vai criar um estímulo na economia e vai fazer com que a economia cresça mais. Como estamos ainda neste início de ano, esses sinais ainda não estão sendo sentidos na economia. Temos que lembrar o cenário que a gente está. Estamos com a inflação em 0,71%. A Europa está com inflação acima de 9%. Outros países estão com inflação também nesse patamar.

O arcabouço fiscal pode ajudar na estabilização ou até queda da inflação?

Acredito que sim. É um passo importante para o governo apresentar uma proposta de arcabouço. Isso trouxe muita tranquilidade para o mercado, porque, no mínimo, se começa a ter um desenho. Eu, particularmente, tenho uma avaliação um pouco dissonante a respeito da questão fiscal no Brasil. Eu não vejo a gravidade que se aponta hoje a respeito da questão fiscal.

***Estagiário sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza**

